

esforços e tentativas arriscadas de insubmissão

José Carlos de Paiva 

(Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade – i2ADS /
Universidade do Porto – UP, Porto, Portugal)

RESUMO — esforços e tentativas arriscadas de insubmissão — O presente texto, defende, no contexto do que se identifica como o rumo da humanidade para a sua catástrofe, a inscrição das pessoas pesquisadores, artistas e docentes, em práticas insubmissas de intervenção. Ação semeadora de esperança e propiciadora de uma prática educativa que propicie a formação de pessoas cidadãs, atoras conscientes dos valores democráticos e defensoras acérrimas da liberdade, e de relacionamentos antidiscriminatórios.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Artística. Formação docente. Catástrofe. Semear a esperança.

ABSTRACT — efforts and risky attempts of insubordination — This text advocates, in the context of what is identified as humanity's path towards its catastrophe, the involvement of researchers, artists, and teachers in insubordinate intervention practices. Actions that sow hope and foster an educational practice that promotes the formation of citizens, individuals aware of democratic values and staunch defenders of freedom, and anti-discriminatory relationships.

KEYWORDS

Art Education. Teacher training. Catastrophe. Sow hope.

RESUMEN — esfuerzos y tentativas arriesgadas de insubordinación — El presente texto defiende, en el contexto de lo que se identifica como el rumbo de la humanidad hacia su catástrofe, la inscripción de investigadores, artistas y docentes en prácticas insubordinadas de intervención. Una acción que siembra esperanza y propicia una práctica educativa que promueva la formación de personas ciudadanas, actores conscientes de los valores democráticos y defensores acérrimos de la libertad, y de relaciones antidiscriminatorias.

PALABRAS CLAVE

Educación Artística. Formación docente. Catástrofe. Sembrar esperanza.

tradução

O presente texto corresponde a um esforço de tradução e atualização de uma intervenção oral proferida no contexto da Mesa “Arte/Educação e formação docente: do indivíduo ao coletivo”, moderada por Lucia Gouvêa Pimentel (UFMG, Brasil) e compartilhada com Gabriela Augustowsky (UNA, Argentina), no Encontro Internacional de Arte/Educação: Grupos de Pesquisa enREDE, realizado em dezembro de 2023, na UNESP (São Paulo).

Encontro envolvido pela plataforma enREDE (<https://www.up.pt/enrede/alfa>), que pretende fomentar um movimento relacional de discussão, defendendo, na ampla geografia onde se move, as línguas em que se pensa, integrando a importante demanda anticolonial onde se inscreve.

contrariando o fracasso

Toda a experiência de um outro pensamento é uma experiência sobre o nosso próprio (Castro, 2018, p. 96).

Nasci (1950) em plena ditadura portuguesa, filho de operários, partilhando as dificuldades da vida de então. Descalço brinquei na rua até ir para a escola. Fui perseguindo o sucesso escolar, até ao doutoramento. Desde jovem integrei a luta democrática contra a ditadura instalada em Portugal, e, como ativista político, estive nas lutas contra o colonialismo, em proximidade com o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Festejo nas ruas a liberdade.

Sou nascido na Europa patriarcal, colonizadora e escravagista. Europa onde o regime capitalista subjuga os mais pobres e persegue toda a dissidência. Sou professor, artista, e investigador, ativista cúmplice das lutas contra_coloniais, contra_capitalistas e contra todas as discriminações. A persistência na luta não ensombra a presença do fracasso, evidente no caminho da humanidade para o seu fim.

semear esperança

Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossa poética sobre a existência (Krenak, 2023, p. 15).

No Sul_Político, no Brasil, na América Latina, em África, no Oriente estão plantados territórios de possibilidade onde se desenha a esperança de se reinventar a esperança na humanidade e adiar o fim do mundo. Territórios de lutas ancestrais e contemporâneas de embate ao sofrimento que o colonialismo e a arrogância capitalista vêm instalando. Sistema globalizado, dominante em cada lugar, tanto em Portugal e na Europa como por todo o lado, perpetuado pelos detentores do poder, que perseguem os povos, discriminam, subjagam as classes subalternas, excluem todos os que se lhe opõem e delapidam a natureza até à sua exaustão.

Este corpo que carrego transporta tanto os desejos acumulados, a incompletude e o fracasso do feito, como, também, o esforço e a persistência nos sonhos ainda por realizar. O que sou, acumulou demasiado do que não deveria colher, mas que se alojou em mim, cedência à sedução do conforto que nos é oferecido. Sou também fruto da resistência e da luta, resultado das vidas partilhadas, das leituras de poetas e de pensadores críticos, da camaradagem, da deslocação para fora de mim, e da escuta.

As palavras aqui escritas estão carregadas dessa perturbação, demasiado carregadas de desesperança, mesmo sendo eu um militante otimista da escuta e da ação cúmplice.

De um modo ou de outro, todos somos resultado da inundação nos nossos corpos, para o bem e para mal, da herança do caldo cultural ocidental e das adversidades da religiosidade do capitalismo financeiro. A nossa relação com o que nos cerca, no contexto do pequeno mundo onde temos os pés, mesmo acompanhado por alguma atenção ao grande mundo, não nos permite obter

nenhuma espécie de verdade. Seria bom perseguir a ideia que Gregory Bateson (1985) nos deixou, de “olhar da posição do novo”, de fazer o esforço necessário para alargar as fronteiras que nos confinam, através da deslocação e da escuta. “olhar da posição do novo” numa viagem epistemológica aberta e atenta, que permita a escuta de resistências pujantes, de outros sentidos, sabores e saberes novos, conhecimento do que nos é invisibilizado, ousando deslocações que nos possibilitem entender a nossa incompletude e esmoreçam o conforto que a cultura hegemónica nos oferece.

O que nos chega, o que nos impõem como verdade sobre o que se passa, permite-nos, com um olhar desconfiado e crítico, dizer, que o tempo em que vivemos nos inquieta. A presença dos cataclismos naturais e sociais que nos são parcialmente mostrados, anunciam uma catástrofe ecológica que caminha para inviabilizar, mais tarde ou demasiado cedo, a manutenção da humanidade na Terra.

O domínio da ganância, a manutenção do esplendor dos detentores do poder financeiro, e das benesses distribuídas aos acomodados que vão estando bem na vida, geram, de modo progressivo, a ampliação da injustiça social reinante, da discriminação violenta que já não é possível esconder, mesmo perante o esforço da sua dissimulação. A crueldade do neoliberalismo, promove a perda generalizada de direitos sociais e acentua para grande parte da humanidade o seu empobrecimento até à exclusão de condições dignas de sobrevivência. O caminho para a catástrofe ecológica e social não tem retorno à vista.

Ágnes Hranitzky e Béla Tarr, de modo metafórico, nos apresentam no seu filme “O Cavalo de Turim” (2011) esse declínio inevitável. Não se pode ignorar mais a presença de uma dimensão desmesurada de contingentes de pessoas, “sem sonhos e sem sombra” (Schlemihl, 1978), tratadas como uma espécie de não_humanos, tornados sem_nome e sem_terra, sem_pão e sem_paz.

semear interferências

A história humana já conheceu várias crises, mas a assim chamada 'civilização global', nome arrogante para a economia capitalista baseada na tecnologia dos combustíveis fósseis, jamais enfrentou uma ameaça como a que está em curso (Danowski; Castro, 2023, p. 36-37).

Volto a reconhecer que esta escrita desfasada está repleta do pessimismo que carrego. A consciência que o pessimismo gera não permite distrações, nem um afastar da necessidade de denúncia do rumo cego para onde todos somos arrastados, nesta civilização global a que não podemos deixar de pertencer e que tolda a possibilidade de futuro para a humanidade. A inquietação que propago resulta do reconhecimento da incompletude do que fazemos. Nenhum sentido tem o esforço de concentração no detalhe, no pequeno problema concreto, sem lhe associar a globalidade que o restringe.

[...] mudanças climáticas, acidificação dos oceanos, depleção do ozônio estratosférico, uso de água doce, perda de biodiversidade, interferência nos ciclos globais de nitrogênio e fósforo, mudança no uso do solo, poluição química, taxa de aerossóis atmosféricos. [...] Acontece que ainda segundo os autores, podemos já ter saído da zona de segurança de três desses processos — a taxa de perda da biodiversidade, a interferência humana no ciclo do nitrogênio (a taxa com que o N₂ é removido da atmosfera e convertido em nitrogênio reativo para uso humano, principalmente como fertilizante) e as mudanças climáticas — e estamos perto do limite de três outros: o uso de água doce, mudança de uso da terra e acidificação dos oceanos (Danowski; Castro, 2023, p. 37).

É cruel reconhecer o como nos alheamos do acontecido e do rumo para a catástrofe ambiental, que liquida e determina o que aí virá, que afeta toda a humanidade, que tolda o futuro comum.

Urge a necessidade de tornar em eficácia transformadora a fragilidade da nossa ação interferente, sobre o que anuncia a catástrofe, o caminho da guerra, a completa exaustão das condições de vida, a exaustão da natureza, sobre a imensurável discriminação reinante e a exclusão social.

A ação educativa oferece um território fértil para se estimular a esperança, estabelecendo a sua inerente inscrição no político, que a construção de uma cidadania democrática exige, agindo contra as discriminações e a exclusão, enfrentando a urgência da insubmissão anticapitalista. A escola é um terreno privilegiado para a criação de possibilidades de futuro democrático e ecológico, cimentando essa consciência. Não se defende uma ação missionária, mas, apenas a urgência de um combate atento, não doutrinário, que apela a uma atenção crítica ao que promovemos e ao que evocamos.

semear desacordos e conflitos

En democracia lo común, condición indispensable de la política, no debe consistir en una fusión indiferenciada sino orientarse por la pluralidad radical de desacuerdos y conflictos (Merlin, 2019, p. 29).

Vivemos encaixados num ardil de dispositivos, normalizadores, que anestesiam a nossa capacidade de insubmissão. Ardis complexos e irrecusáveis, que se configuram como indispensáveis e contingentes para a nossa sobrevivência, para o nosso conforto e bem-estar.

Dispositivos de controle que são os jogos de sedução que a religiosidade do capitalismo sempre soube e sabe tecer. Nesse jogo ambivalente de nossas vidas, muitas vezes, nos aquietamos com a criação de tempos artificiais de felicidade, na pequena satisfação que atenua nossa inquietude. Distraídos nesse jogo, enfraquecemos as possibilidades de insubmissão, esbatemos a radicalidade democrática, a exigência da controvérsia, do desacordo agonístico e do conflito.

No entanto, a arena onde nos movemos como educadores de arte/educação, comporta as posturas transgressoras que a arte habita, invasoras do ensino da arte. Na escola nos movemos num espaço relacional de onde emana a construção no alunado de sensibilidades e subjetividades, a construção de consciências cidadãs antidiscriminatórias, a formação de seres socialmente interferentes, construtores, irrequietos e desajustados, do porvir.

Reconhecemos que a ideia de arte que nos forma, resulta do domínio hegemónico de uma história da arte, Ocidental, legitimada ao longo dos tempos pelas diversas instâncias de poder, mas que ainda nos encanta e enaltece.

Despojado finalmente de su aureola, el 'mundo del arte' pone la especulación abierta, impúdica, directa y sin adornos en el lugar del disfrute enmascarado de ilusiones estéticas, de fervores espirituales y de palabrería laudatoria. ¿Qué hay más 'puro' y 'verdadero' que el capitalismo financiero, que encuentra en el nicho del arte el microcosmos en que manifestar su auténtica naturaleza? (Perniola, 2016, p. 14).

Mas, se a arte se questiona a si própria, enquanto conceito elástico e transgressor, temos de dar visibilidade à possibilidade que ela nos oferece de insubmissão e de firmeza face ao ostracismo a que são votadas as práticas artísticas radicais dissonantes e emergentes, o seu latejar de cumplicidade e interiorização dos movimentos sociais. Centremo-nos nas viradas contemporâneas, nas posturas renovadas, inscritas nos dilemas deste tempo inquietante em que vivemos. Não tem mais sentido fechar a abordagem do artístico na redoma que lhe é oferecida pelos dispositivos hegemônicos, sejam estes escolares, universitários, museológicos ou outros. Saibamos entrelaçar as aprendizagens que são inerentes ao artístico, com os movimentos de inquietação social em cumplicidade com os movimentos irreverentes e transformadores.

Podemos transformar o ensino artístico no terreno fértil das possibilidades democráticas, que o artístico potência, para que cada pessoa, criança ou jovem, se possa construir, na sua singularidade, consciente de sua pertença ao social.

semear práticas transformadoras

Em lugar de encarar os professores como transmissores de grande corpo de conhecimento hegemônico, deveríamos vê-los como líderes e facilitadores capazes de enfocar o processo de aprendizagem e de assistir os alunos/as em sua investigação e entendimento da existência de elementos comuns às funções e na posição da arte em relação às culturas que se transformam incessantemente (Barbosa, 2005, p. 251).

Na sala de aula, como docentes não acomodados às rotinas, com as pessoas futuras docentes, podemos pensar global, enfrentar os dilemas contemporâneos com radicalidade crítica, sem adormecer em processos educativos reprodutivos e utilitaristas, usando como lençol os valores vigentes que nos são colocados. Podemos, noutro sentido, ser renovadores, enfrentando a inquietação que o discernimento gera e ousar renovadas práticas que invertam as narrativas dominantes.

A pressão política neoliberal, em curso, pretendendo liquidar o Ensino Público esmaga a sua autonomia e a insurgência. Sabemos o quanto custa materializar a diferença e ousar a desobediência. Vivemos sufocados em aulas intermináveis, pressionados a seguir programas e metas desajustados, a fazer e a orientar dissertações e teses em massa, a organizar exposições e festas comemorativas, e, bem sabemos, que em esgotantes tarefas administrativas.

Sendo arriscado, se torna necessário contrariar a tradição acadêmica imposta, a pressão dos rankings perseguidos, que submetem todas as relações educativas a grelhas de controle.

O contributo pessoal ténue que transporto, face à complexidade do debate sobre a formação de professores, é promover práticas que se contraponham ao reconhecimento de que a construção curricular dominante, construída pelo Ocidente, se mantenha ajustada aos interesses de naturalização dos saberes hegemónicos, de reprodução social e de adormecimento da cidadania.

O que se denominam de áreas disciplinares das ciências da educação, como a psicologia, as metodologias, a sociologia da educação, as didáticas, estão arrumadas em armários disciplinares fechados, isolando a construção de uma profissionalidade crítica e atuante.

Constroem-se modelos hirtos de atuação, truques de relacionamento educativo, reprodução de saberes e práticas de adestramento, mas pouco se evidencia da responsabilidade política da ação docente, de promoção do

conhecimento necessário sobre o mundo todo, escuta dos movimentos de resistência, da abertura de estradas para um novo devir.

A causa do mal-estar dos professores prende-se, sem dúvida, com o desfasamento que existe nos dias de hoje entre uma imagem idílica da profissão docente e as realidades concretas com que os professores se deparam no seu dia-a-dia (Nóvoa, 2014, p. 4).

Os dilemas da formação de professores ganham uma complexidade singular, se referentes à arte/educação. Sem discutir o uso de terminologias nacionais, decorrentes de histórias precisas, usarei apenas o termo Educação Artística, considerando-a como um campo epistemológico singular, que não corresponde à soma de abordagens que advém das Ciências da Educação com as da Arte. Entendendo-a como um campo singular de presença dessas áreas, estabelecendo um novo território, autónomo e globalizante, determinado pela Arte que o configura. A natureza singular que o fazer/pensar_pensar/fazer artístico potência, permite aspirar a uma ampliação do esforço dos artistas/docentes, para uma intervenção mais irreverente, atuante sobre a encruzilhada deste tempo de catástrofe ecológica, contrariando o movimento acelerado de aumento das discriminações e a virada neoliberal e populista que invade os vários continentes.

Encarar a Arte, evidenciando os obstáculos existentes, deixado pelas ambiguidades do Romantismo e do Modernismo, que ainda se projeta nas nossas práticas, preso à ilusão do papel terapêutico da arte, do espetacular, do apreço pela genialidade, da procura da habilidade individual, e do esplendor da expressividade.

A arte e a educação artística podem ser inseridas num movimento transformador, dirigido ao enquadramento das alunas e dos alunos na construção do seu futuro, na construção por cada uma e cada um da sua subjetividade, na possibilidade de interferência para um possível diferente devir.

Defende-se, assim, uma ação educativa que não se fecha em si, que rejeita ser colonizadora, mas que incentiva práticas renovadoras, democráticas e contra_hegemônicas. Um quotidiano de aulas onde o relacionamento com o

alunado possibilite um espaço de liberdade, que proporcione tempos sagrados de performance educativa. Concordando com Larrosa (2014, p. 30), “O saber da experiência se dá na relação entre conhecimento e a vida humana”, defende-se que o estar na aula pode acentuar relacionamentos sadios de atenção e escuta das demandas do movimento social, que denunciem todas as práticas de discriminação e de submissão, e que criem situações que gerem experiências significativas partilhadas no coletivo de aprendizagem.

Que em vez de se defender o uno, enaltecendo o individual, na sua genialidade, habilidade e desempenho, se adotem práticas colaborativas, acarinhando as respostas de todas e de todos, enaltecendo o experienciado, a procura e a inovação tentada, valorizando um ambiente relacional em que não são admissíveis comportamentos interpessoais de discriminação, sejam de classe, gênero, étnicas e demais.

Naturalmente, no sentido referido, os docentes só podem assumir um sadio e democrático relacionamento educativo, não exercendo os velhos métodos de poder, reproduzindo o papel de colonizador, e impondo as suas ideias, o seu gosto e a sua cultura, mas, no sentido oposto, se estimula um sadio e democrático relacionamento educativo.

semear a transformação

Tudo se pode ignorar, menos a própria ignorância. [...] O problema principal dos que ignoram a ignorância é que se fixam a uma relação disfarçada com o saber e, baseando-se nessa relação, fecham-se a poder saber o que de fato ignoram (Kohan, 2009, p. 25).

Questionar o que fazer para entender as práticas educativas para a formação de professores, acarreta uma tarefa difícil. Não será fácil formular as respostas necessárias, mas pode-se desenhar uma teia entrelaçada e tecer alguns dos seus fios.

Considerando que “[...] a educação deve ser transformada para que a sociedade seja transformada.” (Ki-Zerbo, 2009, p. 152), podemos tomar como um dos fios necessários o entendimento que a formação de professores tem de armar os futuros professores com os alicerces epistemológicos, para o exercício da sua prática educativa. Seja o conhecimento sobre as questões educativas, nas suas diversas relações transdisciplinares (que inevitavelmente engloba o conhecimento sobre as controvérsias da arte contemporânea, da sua história consagrada pela hegemonia ocidental e do tornado invisível), seja sobre o mundo da visualidade e do poder político da imagem, e, como também, o conhecimento sobre o fazer artístico e o sentido que o fazer comporta, reconhecendo a potência interveniente da arte, do seu fazer_pensar e pensar_fazer.

Consideramos também que “Em termos simples, a tarefa de produzir localidade (como uma estrutura de sentimento, uma propriedade da vida social e uma ideologia de comunidade situada) é cada vez mais uma luta” (Appadurai, 2004, p. 251). Nesse sentido um outro fio inscreve o conhecimento necessário dos contextos sociais onde os futuros professores poderão vir a exercer, o que significa entender a complexidade cultural desses contextos, suas demandas, e representações, reconhecendo o peso que o domínio hegemónico exerce sobre o que se diferencia e é ostracizado.

Arendt (2006, p. 28) refere que “[...] o pensamento emerge dos incidentes da experiência vivida e deve permanecer vinculado a eles como os únicos marcos por onde nos devemos orientar.” Frase que guia um outro fio, que deve dotar os futuros professores da apreensão das implicações legislativas, contratuais e que enquadram a ação profissional. O futuro professor terá de ser capaz de negociar o seu posicionamento, de saber usar as brechas, e ganhar força para a sua postura contra o colonial.

Nenhum dos fios tem sentido se isolado, sendo preciso um sentido aglutinador e sempre entendido como a própria teia.

E queiramos ou não, na cidade ou no mato, o colonialismo meteu-nos muitas coisas na cabeça. E o nosso trabalho deve ser tirar aquilo que não presta e deixar aquilo que é bom. Porque o colonialismo não tem só coisas que não prestam. Devemos ser capazes, portanto, de combater a cultura colonial e deixar na nossa cabeça aquele aspecto da cultura humana, científica, que porventura os tuguês trouxeram para a nossa terra e entrou também na nossa cabeça (Cabral, 1974, p. 188).

Como se poderá ter entendido, na formação de professores tem uma relevância singular e globalizante o entendimento que a missão democrática da docência reside na liberdade com que se assume a responsabilidade política e ética que a promoção do relacionamento educativo comporta.

Considere-se inevitável na formação de um professor democrático, a obtenção de um posicionamento crítico, informado sobre os dilemas deste tempo de catástrofe, sobre o aparato ideológico que nos governa, sobre o desejo de realizar o impossível, mas absolutamente necessário. Na dimensão do que nos diz Butler (2017, p. 20), “[...] que lo sujeto, independentemente de sus condiciones sociales e históricas, está atado al mismo postulado de inconclusividade”, considere-se que o professor deve ser um praticante de uma educação democrática, que entende que a cada estudante deve ser dada oportunidade de se construir como sujeito, de forjar a sua subjetividade, de se inscrever conscientemente na construção de possibilidades de futuro.

semear, sempre

A forma mais avançada de necropoder não pode deixar de ser a actual ocupação colonial da Palestina (Mbembe, 2017, p. 132).

Para concluir, declaro, eu lutador anticapitalista, que não me move nenhuma vontade de evangelização, doutrinação ou de imposição política. Minha inscrição no político como professor, artista e pesquisador, é perseguir a possibilidade de se construir um futuro, de democracia radical, agonística, de plena liberdade, contra a discriminação e contra todas as formas coloniais.

Referências

- APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias* [Modernity At Large. Cultural Dimensions of Globalization, 1996]. Lisboa: Teorema, 2004.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro* [Between past and Future, 1961]. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- BATESON, Gregory. *Mente e natureza: uma unidade necessária*. [S. l.]: Flamingo, 1985.
- BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto; ŽIŽEK, Slavoj. *Contingencia, hegemonía. universalidad. Diálogos contemporáneos de la izquierda* [Contingency, hegemony, universality. Contemporary dialogues on the left. 2000]. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2017.
- CABRAL, Amílcar. Alguns Princípios do Partido, intervenção proferida no Seminário de quadros do PAIGC em Novembro de 1969. In: P.A.I.G.C. *UNIDADE E LUTA*. Porto: Nova Aurora, 1974.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Lisboa: Antígona Editores Refratários, 2023.
- KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África? Entrevista com René Holenstein* [À quand l'Afrique? Entretien avec René Holenstein. 2004]. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2009.
- KOHAN, Walter Omar. *Filosofia. O paradoxo de aprender e ensinar* [Filosofía, la paradoja de aprender y enseñar, 2008]. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2014.
- MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade* [Politiques de l'inimitié, 2016]. Lisboa: Antígona Editores Refratários, 2017.
- MERLIN, Nora. *Mentir e y colonizar: obediencia inconsciente y subjetividad neoliberal*. Buenos Aires: Letra Viva, 2019.
- NÓVOA, António. *Vida dos professores*. Porto: Porto Editora, 2014.
- PERNIOLA, Mario. *El arte expandido* [L'arte espansa, 2015]. Madrid: Casimiro Libros, 2016.
- SCHLEMIHL, Peter. *L'homme qui a perdu son Ombre*. Paris: L'Ecole des Loisirs, 1978.

José Carlos de Paiva

Nasceu no Porto em 1950. Professor Emérito da Universidade do Porto, Professor Jubilado da Faculdade de Belas Artes. Doutor em 'Pintura', Mestre em 'Arte Multimédia' e Licenciado em 'Artes Plásticas – Pintura' pela Universidade do Porto – Faculdade de Belas Artes. Investigador Integrado do i2ADS (Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade), pertencendo à sua Direcção e ao seu Conselho Científico. Coordena o Programa de Investigação 'Interculturalidade e Sociedade', integrando o 'IDENTIDADES_Colectivo de Acção e Investigação' (ID_CAI). Percurso múltiplo por vários percursos, aparentemente dispersos, mas relacionados por uma atitude transversal de intervenção crítica, contra a discriminação, o racismo e o colonialismo. Forte envolvimento anticolonial em ações interculturais, artísticas e culturais com comunidades em Moçambique, Brasil, Cabo Verde e Portugal.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2084-9437>

E-mail: mail@jcpaiva.pt

Currículo: <https://jcpaiva.pt/>

*Recebido em 03 de agosto de 2024
Aceito em 27 de setembro de 2024*

